

**TIPOS DE EMPREENDEDORES EM DINÂMICAS DE RECONVERSÃO DE FUNÇÕES  
ECONÔMICAS DE CIDADES: UMA ANÁLISE SOB A PERSPECTIVA DE BOURDIEU**

*TYPES OF ENTREPRENEURS IN THE PROCESS OF CONVERSION OF ECONOMIC  
FUNCTIONS OF CITIES: AN ANALYSIS BASED ON THE PERSPECTIVE FROM BOURDIEU*

*CLASES DE EMPRENDEDORES EN DINÁMICAS DE RECONVERSIÓN DE FUNCIONES  
ECONÓMICAS DE CIUDADES; UN ANÁLISIS SOBRE LA PERSPECTIVA DE BOURDIEU*

**Anderson de Souza Sant'Anna**

anderson@fdc.org.br  
FDC

**Fatima Bayma de Oliveira**

fatima.oliveira@fgv.br  
FGV-RJ

**Daniela Martins Diniz**

danidiniz09@yahoo.com.br  
FDC

## **HABILIDADES SOCIAIS E CAPITAL SOCIAL NO DESENVOLVIMENTO LOCAL: CAMINHOS E DESCAMINHOS DE UMA COMUNIDADE ESCOLAR NAS POLÍTICAS PÚBLICAS**

### **Resumo**

O objetivo deste artigo é apresentar resultados de estudo destinado a identificar diferentes tipos (grupamentos) de empreendedores em processos de reconversão de funções econômicas vivenciados pelas históricas cidades de Tiradentes (MG) e Paraty (RJ), tendo por base estudos de Pierre Bourdieu, em particular, as noções de habitus, campo e capital. Em termos metodológicos, o estudo pode ser caracterizado como de natureza qualitativa, utilizando como base o método de estudo de casos múltiplos, com a realização de 63 entrevistas e análise documental. Como resultado, foi possível observar a presença de três categorias de empreendedores, conforme os distintos capitais econômicos, culturais e simbólicos mobilizados.

**Palavras-chaves:** reconversão de funções econômicas de cidades, tipos de empreendedores, capital econômico, cultural e simbólico.

### **Abstract**

The aim of this paper is to present results of a study designed to identify different types of entrepreneurs in the process of conversion of economic functions experienced by the historical cities of Tiradentes (MG) and Paraty (RJ). The theoretical framework was based on studies of Bourdieu, especially on the concepts of habitus, field and capital. In terms of methodology, a qualitative study was conducted, based on the method of multiple case studies, using 63 interviews and document analysis. As a result, the presence of three types of entrepreneurs was observed, according to the different capitals economic, cultural and symbolic mobilized.

**Keywords:** Process of conversion of economic functions of cities; Types of entrepreneurs; Capital economic, cultural and symbolic.

### **Resumen**

El objetivo de este artículo es presentar los resultados de un estudio destinado a identificar diferentes "clases" (grupos) de emprendedores en procesos de reconversión de funciones económicas experimentadas por las ciudades históricas de Tiradentes (MG) y Paraty (RJ), teniendo como base estudios de Bourdieu, en particular, las nociones de "habitus", campo y capital. En términos metodológicos, el estudio puede ser caracterizado como de naturaleza cualitativa, utilizando como base el método de estudio de casos múltiples, con la realización de 63 entrevistas y análisis documental. Como resultado, fue posible observar la presencia de tres categorías de emprendedores, de acuerdo a los distintos capitales económicos, culturales y simbólicos movilizados.

**Palabras clave:** Reconversión de funciones económicas de ciudades; Clases de emprendedores; Capital económico, cultural y simbólico.

## 1 INTRODUÇÃO

O aproveitamento do patrimônio histórico, cultural e natural de uma cidade como estratégia de negócios e de desenvolvimento socioeconômico constitui tema recente em estudos organizacionais. No Brasil, tal interesse deve-se, em particular, a experiências de cidades que, a partir da década de 1980, promoveram ações de valorização de seu patrimônio com vistas a torná-las atrativas do ponto de vista da indústria do turismo e de eventos. Tais iniciativas têm sido descritas na literatura sob diferentes rótulos, tendo-se adotado, para fins deste estudo, a expressão *reconversão de funções econômicas*.

Dentre tais dinâmicas, o turismo tem sido considerado como indutor de parte significativa delas. Isso, seja devido ao ritmo de expansão desse setor, seja por suas promessas quanto a proporcionar aos *gestores públicos* rápidas melhorias em indicadores socioeconômicos, como os níveis de emprego e renda.

Motivados, no entanto, a compreender, de forma mais sistêmica, a amplitude e profundidade dos impactos de tais processos sobre o campo social, alguns autores vêm direcionando atenção a aspectos que extrapolem aqueles associados aos níveis de investimentos financeiros em infraestrutura física e/ou requalificação de espaços urbanos, para a atração de turistas e visitantes, incluindo considerações mais sistemáticas sobre seus efeitos em variáveis como inclusão social, capacitação profissional local e interação entre os atores sociais locais. Considerando, em específico, esse último aspecto - interações entre os atores sociais - apresenta-se oportuno, conforme sugerem estudos de P. Bourdieu, investigar os capitais econômicos, simbólicos e culturais mobilizados, com vistas ao domínio do campo (BOURDIEU, 2010).

Diante disso e considerando o papel protagônico dos empreendedores nos processos de reconversão de funções econômicas investigados, este estudo tem como propósito central identificar e comparar diferentes *tipos* (grupamentos) de empreendedores, considerando os distintos capitais mobilizados em tais dinâmicas.

Como referencial teórico adotou-se, além dos estudos de Pierre Bourdieu sobre as noções de *habitus*, campo e capital, revisão de literatura sobre tipologias de empreendedores, assim como sobre processos de requalificação de funções econômicas de cidades.

Em relação à metodologia de pesquisa, os levantamentos empíricos de dados que subsidiaram este estudo podem ser caracterizados como de natureza qualitativa, conduzidas por meio do método de estudo de casos múltiplos (YIN, 2005). Quanto às unidades de pesquisa, o estudo se deu junto às históricas cidades de Tiradentes (MG) e Paraty (RJ), as quais

vivenciaram processos de reconversão de suas funções econômicas orientados pelo turismo. A realização da pesquisa nessas duas localidades possibilitou a comparação dos *tipos* de empreendedores identificados.

Com relação aos instrumentos de coleta de dados, foram utilizadas entrevistas, documentos secundários e a observação direta. Vale salientar que, para a coleta dos dados empíricos, a pesquisa se orientou pelos pressupostos da metodologia *Grounded Theory*, optando-se por não impor, *a priori*, variáveis disponíveis na literatura, em particular, dada a escassez de pesquisas relacionadas a empreendedores em dinâmicas como as estudadas nas cidades alvo deste estudo (GLASER, 1992, 1978).

Tendo por base tais características, o primeiro passo da pesquisa consistiu na coleta e sistematização de dados históricos de Tiradentes e Paraty. Em seguida, foram realizadas onze visitas *in loco* às cidades investigadas e realizadas 63 entrevistas semiestruturadas e em profundidade com empreendedores locais (proprietários de pousadas, restaurantes, ateliês, líderes comunitários e governamentais) dentre outros atores envolvidos nas dinâmicas investigadas.

No que tange à análise dos dados, utilizou-se, em ambos os casos investigados, o método de análise de conteúdo. Essa metodologia consiste no uso de técnicas de sistematização e interpretação do conteúdo das informações, a fim de compreender melhor o discurso. Para tal, fez-se uso do *software* de tratamento qualitativo de dados N-vivo 8.0 (MILES e HUBERMAN, 1994).

No que tange à sua relevância, a pesquisa justifica-se, em termos teóricos, ao ampliar os estudos sobre processos de reconversão de funções econômicas de cidades, correlacionando-os ao construto *empreendedorismo social*. No âmbito dos estudos organizacionais, o estudo visa contribuir para aprimorar a compreensão acerca de tipos de empreendedores, chamando a atenção para variações entre esses atores, seus estilos de gestão e o contexto no qual se inserem. Essa contribuição torna-se relevante, uma vez que a literatura organizacional sobre empreendedorismo, por vezes, desconsiderou as diferenças existentes entre os empreendedores e as implicações práticas dos diferentes estilos de gestão, bem como implicações e especificidades do contexto e comunidade em que atuam (HANNAN e FREEMAN, 1984).

Em termos práticos, o estudo justifica-se ao propiciar elementos para o desenvolvimento de políticas públicas direcionadas a processos de reconversão de funções

econômicas de cidades, bem como para o desenvolvimento de ações voltadas à capacitação de empreendedores neles envolvidos.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 A noção de reconversão de funções econômicas de cidades

Debates recentes produzidos no meio acadêmico têm alertado para a importância de melhor analisar cidades submetidas a dinâmicas direcionadas à reconversão de suas funções econômicas. Ao mesmo tempo, têm-se estimulado reflexões sobre implicações desses processos nos arranjos sociais locais e no potencial de desenvolvimento dessas localidades.

Tal interesse pôde ter-se dado por experiências de cidades em que tais processos contribuíram para melhorias em seus indicadores socioeconômicos. Assim como, por outro lado, a exclusão social, a especulação imobiliária e o aumento do custo de vida se constituíram em efeitos colaterais perversos de tais dinâmicas. Esses processos, todavia, já assumiram diferentes nomes na literatura, como requalificação, reestruturação e reconversão de funções econômicas, - termo adotado neste artigo - embora seja tema de estudo razoavelmente recente (HARVEY, 1996).

Um ponto comum entre essas diferentes expressões é que elas se baseiam em tendências contemporâneas de *planejamento estratégico de cidades*, em que se pressupõe a cidade como um negócio e se busca torná-la competitiva, por meio de investimentos em *marketing*, comunicação, promoção e infraestrutura (HARVEY, 1996; BORJA e CASTELLS, 1997). Assim, acabam por enfraquecer o planejamento urbano como papel exclusivo do Estado, fortalecendo perspectivas do planejamento estratégico conduzido por negócios privados (LUCHIARI, 2005). Essa nova fase de gestão da cidade pode ser entendida como, *empreendedorismo urbano* na qual o gestor público vem sendo confundido com o empreendedor privado (HALL, 1995).

O conceito de reconversão também se encontra associado às noções de reestruturação socioeconômica e de reformulação de atividades econômicas locais (BENTLEY, 2005). A primeira perspectiva centra-se nos impactos de tais processos sobre indicadores socioeconômicos locais e a segunda enfatiza, além disso, a valorização de projetos que levem em conta aspectos mais qualitativos, associados ao patrimônio histórico-cultural e à memória local.

No âmbito dessas transformações, diversas cidades vêm adotando estratégias para se fortalecerem como polos de atração de capitais, acirrando a competição pela captação de recursos e viabilização de negócios. A guerra fiscal, a busca por atrair eventos e empreendimentos empresariais, assim como a reorganização do setor turístico, de serviços e inovação, são ações empreendidas por diversas cidades que vivenciam processos contemporâneos de reconversão de suas funções econômicas (BENTLEY, 2005).

Dentre os fatores que motivaram tais cidades a adotar tais estratégias para seus projetos de transformação urbana, destacam-se: 1. sensação de crise pela tomada de consciência da necessidade de processo de requalificação de suas funções econômicas; 2. articulação entre atores urbanos, públicos e privados e configuração de lideranças locais; 3. vontade conjunta dos cidadãos para que a cidade desse um salto (FISCHER, 1996).

Nesse contexto, conforme já mencionado, o turismo tem sido apontado como um dos principais responsáveis pela reestruturação de funções econômicas de muitas cidades. Tendo tal indústria como base, diversos estudos sobre o tema vêm direcionando a atenção para aspectos, não só relacionados aos investimentos na infraestrutura para o turista, mas, também, às implicações dessa atividade na interação e atuação dos distintos atores sociais locais envolvidos (BALASTRERI, 2006).

Considerando que diversos agentes se articulam nos processos de reconversão de funções econômicas de uma dada localidade, foram incorporadas ao referencial teórico deste estudo contribuições de Pierre Bourdieu, notadamente, suas noções de *habitus*, campo e capital, conforme descritos, a seguir.

## 2.2 Interrelações entre diferentes tipos de empreendedores: uma análise com base na perspectiva de Pierre Bordieu

Para compreender articulações entre os diferentes atores sociais envolvidos nos processos de reconversão de funções econômicas de cidades investigados, tomou-se como referência estudos de P. Bourdieu, em particular, suas contribuições quanto às noções de *habitus*, campo e capital. Tal perspectiva se apresentou profícua, notadamente, ao contribuir para a descrição e melhor compreensão da maneira com que tais agentes sociais - no caso, específico, aqueles inseridos no campo dos empreendedores - disputam e/ou estabelecem alianças para a posse de capitais que lhes permitam certo domínio no campo.

Uma das principais contribuições de P. Bourdieu se dá, nesse sentido, no entendimento de que os atores sociais, dotados de *habitus* similares ou distintos e de capitais distribuídos de modo desigual se inter-relacionam no interior de um espaço social, em que se desenrolam conflitos e alianças, na busca da manutenção ou transformação do estado vigente de poder. Tal consideração coloca em evidência, portanto, conceitos propostos pelo autor: *habitus*, campo e capital (BOURDIEU, 2010, 2009a, 2009b, 1990).

Bourdieu (2010, 1996, 1990) define *habitus* como um sistema de disposições e princípios duráveis que pode funcionar como *estruturas estruturantes*, isto é, como esquemas geradores e organizadores de ações coletivas e individuais. O *habitus* pressupõe, portanto, um conjunto de princípios de visão e de gostos que orientam a escolha dos indivíduos e que os direciona a agir de determinadas maneiras. Atores sociais dotados de *habitus* distintos tendem, em decorrência, a se comportar de forma diferente e, por isso, constituindo um princípio diferenciador.

Os condicionamentos associados a uma classe particular de condições de existência produzem *habitus*, sistemas de disposições duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, ou seja, como princípios geradores e organizadores de práticas e de representações que podem ser objetivamente adaptadas ao seu objetivo sem supor intenção consciente de fins e o domínio expresso das operações necessárias para alcançá-los, objetivamente “reguladas” e “regulares” sem em nada ser o produto da obediência a algumas regras e, sendo tudo isso, coletivamente orquestradas sem ser o produto da ação organizadora de um maestro. [...] Como todos os conceitos predisposicionais, o conceito de *habitus*, que o conjunto de seus usos históricos predis põe a designar um sistema de disposições adquiridas, permanentes e geradoras (BOURDIEU, 2009 b, p. 87).

O *habitus* é adquirido pelos atores mediante interiorização das estruturas sociais, estruturas portadoras de histórias individuais e coletivas que são incorporadas pelos agentes (THIRY-CHERQUES, 2006). Ao se socializarem, é provável que os agentes dominem, mesmo sem plena consciência, as leis de funcionamento de seu grupo e se comportem de acordo com essas disposições. Portanto, pessoas de uma mesma *classe* tendem a possuir práticas bastante harmonizadas, mais que eles sabem ou mesmo queiram, pois, ao se orientarem pelas leis, cada um se ajusta ao outro (BOURDIEU, 2009 b).

O campo, por sua vez, compreende um espaço dinâmico, composto por posições distintas e determinadas pelo volume de capitais detidos por cada um de seus agentes. É, também, definido o ambiente em que se desenrolam lutas e alianças entre tais agentes em

busca da manutenção ou transformação do estado vigente de forças (BOURDIEU, 1990; BOURDIEU e ORTIZ, 1994).

Como a posse de capital tende a ser desigual constatam-se, em um dado campo, grupos e subgrupos caracterizados por estilos de vida diferentes. Desse modo, um campo tende a viver em conflito permanente, em que os grupos dominantes buscam manter seus privilégios e os demais tentam alterar a distribuição de capital vigente. É possível observar, também, a formação de alianças entre grupos distintos de atores (MISOCZKY, 2003).

Pode-se descrever o campo social como um espaço multidimensional de posições tal que qualquer posição atual pode ser definida em função de um sistema multidimensional de coordenadas cujos valores correspondem aos valores das diferentes variáveis pertinentes: os agentes distribuem-se assim nele, na primeira dimensão, segundo o volume global do capital que possuem e, na segunda dimensão, segundo a composição do seu capital – quer dizer, segundo o peso relativo das diferentes espécies no conjunto das duas posses (BOURDIEU, 2010, p. 135).

Cada campo, portanto, tem sua história, seu próprio objeto (artístico, educacional, político) e mecanismos específicos. Em decorrência, conta com certa autonomia em relação a outros espaços sociais. Não obstante, os campos se inter-relacionam e sofrem influências uns dos outros, pressões externas que são interpretadas e traduzidas com base na lógica interna do campo (THIRY-CHERQUES, 2006).

Ainda que cada campo apresente atributos peculiares, é possível destacar algumas características universais, quais sejam: 1) a inserção num campo exige a internalização de suas leis de funcionamento; 2) a estrutura do campo é reflexo das diferentes posições ocupadas pelos agentes e do volume de capital detidos por eles e, por fim, 3) a sua natureza dinâmica (BOURDIEU, 1990; BOURDIEU e ORTIZ, 1994).

Finalmente, o capital é conceituado por Pierre Bourdieu como a principal forma de poder no interior de um campo sendo, simultaneamente, instrumento e objeto de disputa. P. Bourdieu pressupõe a existência de três tipos de capital (econômico, cultural e simbólico), superando abordagens anteriores que reduzem o mundo social à perspectiva econômica. Além disso, o autor propõe que as formas de capital podem ser conversíveis umas nas outras como, por exemplo, o capital cultural pode ser reconhecido socialmente em determinado campo e, com isso, ser transformado em capital simbólico e vice-versa (THIRY-CHERQUES, 2006; BOURDIEU, 1990).

O conceito de capital econômico em P. Bourdieu é similar à definição de K. Marx: recursos associados aos fatores de produção (terra) e aos ativos econômicos, como os bens

materiais. O capital cultural, por sua vez, corresponde ao conjunto de conhecimentos e qualificações intelectuais transmitidas pela família e pelas instituições escolares ao longo da vida do sujeito. Esse capital pode adquirir três formas: 1) o estado incorporado, como uma característica durável do corpo (a forma de falar, hábitos familiares); 2) o estado objetivo, como a posse de bens culturais (obras de arte); 3) o estado institucionalizado, como títulos acadêmicos (THIRY-CHERQUES, 2006).

Por fim, o capital simbólico está relacionado à acumulação de prestígio e reconhecimento social por um indivíduo que preserva sob seu domínio os recursos considerados essenciais num determinado campo. Assim, pode ser considerado uma síntese dos capitais econômicos e culturais que foram reconhecidos como legítimos em um espaço social (BOURDIEU, 1990; THIRY-CHERQUES, 2006).

As diferenças existentes no interior de um campo, sobretudo em termos de capital, geram a divisão do espaço em *classes sociais* ou, melhor, em *posições de classe*, as quais estão associadas a uma cultura específica, ou a um *habitus*. Ao optarem por um estilo de vida, os indivíduos acabam se autotransformando como membros de uma dada *classe social* ou *posição de classe* (BOURDIEU, 1990).

Além de tais noções, propostas por Pierre Bourdieu, apresenta-se, a seguir, a revisão de tipologias internacionais de empreendedores.

### 2.3 Tipos de empreendedores

Em recente revisão de literatura internacional sobre tipos de empreendedores, reproduzida neste tópico, os autores deste artigo evidenciam a inexistência de riqueza de categorias de empreendedores na literatura clássica sobre o tema. Segundo eles, somente recentemente parecem emergirem tipologias com mais de três categorias (SMITH, 1967). A tipologia mais antiga - de fato uma dicotomia - é de A. Smith, desenvolvida na década de 1960, cuja influência perdura até hoje.

Smith (1967) identificou dois tipos de empreendedores: os *artesãos* e os *oportunistas*. O primeiro caracteriza-se por ser filho de operários e ter treinamento técnico. Trata-se de profissional dedicado à excelência no trabalho que desempenha e que busca evitar a influência de gerentes e sindicatos no exercício de seu ofício. Preza por serviços de qualidade e não prioriza o crescimento do negócio. Já o *oportunistista* normalmente tem curso superior

completo, em áreas como administração, mas raramente em áreas técnicas, como a engenharia. O indivíduo com esse perfil busca o crescimento da empresa e lucros crescentes

Décadas subsequentes trouxeram novas tipologias, fruto de pesquisas com outros aportes teórico-metodológico-conceituais, mas parece ter persistido a tensão entre crescimento e lucro, de um lado, e foco em excelência na produção, de outro.

No final da década de setenta, por exemplo, Filley e Aldag (1978) realizaram *survey* com pequenas e médias empresas de manufatura. Uma análise de *cluster* revelou três tipos de empreendimentos a que chamaram de: *artesanal*, *promocional* e *administrativo*. Já, em fins da década de noventa, Cooper, Ramachandran e Schoorman (1997) desenvolveram outro estudo empírico junto a empreendedores individuais nos moldes do estudo original de Smith (1967). Assim como esse, também identificaram duas categorias de empreendedores, as quais denominaram *artesanais* e *administrativos*.

Independentemente dos esforços em criar tipologias de empreendedores, perto da virada do século, vários estudiosos de diferentes disciplinas redescobriram o conceito de *bricolage*, forjado pelo antropólogo francês Levi-Strauss, e seu papel na geração de inovação. *Bricolage*, em essência, compreendida, mais ou menos, como dar um jeito ou improvisar com o que se tem à mão (LEVI-STRAUSS, 1966). Zahra *et al.* (2009) usam o conceito em uma tipologia de empreendedor social, que inclui *engenheiros*, *construtivistas* e *bricoleurs* sociais.

Finalmente, Stinchfield *et al.* (2010) notaram que o próprio Levi-Strauss havia mencionado, em sua clássica obra *O O pensamento selvagem*, além da *bricolage*, três outros tipos de atuação: *arte*, *engenharia*, e *artesanato*, mas as pesquisas sobre empreendedorismo somente haviam investigado a primeira categoria. Diante disso, propõem considerar essas categorias como base de uma nova tipologia, em estudo envolvendo 23 empreendedores norte-americanos. Como resultados, constatam que os artesãos apresentam características similares às categorias de *artesãos* de outras tipologias, que os *engenheiros* compartilham similaridades com os empreendimentos *administrativos* de Filley e Aldag (1978), que os *bricoleurs* se assemelham àqueles nos demais estudos sobre a *bricolage*, e que os *artistas* têm suas peculiaridades, mas algumas similaridades com o *empreendimento promocional*. Obtém, também, uma quinta categoria, o *broker* (intermediador), não constante nos tipos originalmente propostos por Levi-Straus, nem nas demais tipologias. O *broker* é altamente oportunista e adota estruturas e processos muito simples, que preconizam meras transações comerciais, visando lucros pela compra barata de *commodities* ou patrimônio físico e subsequente venda pelo máximo lucro possível.

Em decorrência e a despeito do desinteresse pelas tipologias tradicionais, um número crescente de autores está retornando sua atenção para as variações entre os empreendedores ou para seus *estilos de empreendedorismo*. Sarasvathy (2004), inclusive, defende a tese de que a perspectiva de uma homogeneidade entre os empreendedores prejudicaria os esforços para se melhor compreender o fenômeno do empreendedorismo. Além de argumentos teóricos que favoreçam um olhar mais atento para a variação do empreendedorismo, dois outros estudos propõem tipologias detalhadas dos subcampos de empreendedorismo.

Em 2000, Lee *et al.* (2000) propõem uma tipologia de empreendedores do Vale do Silício (EUA) em que contrasta pequenos empresários e empreendedores *tradicionais* de empresas. A partir desse estudo, Zahara et al. (2009) avançam propondo uma tipologia de *empreendedores sociais* que, também, se afasta significativamente das categorias e preocupações de tipologias anteriores. Ao mesmo tempo em que os principais estudos, no âmbito das empresas, direcionam-se mais amplamente para padrões de variação entre os empreendedores internos, tem sido crescente o interesse por estudos relativos ao empreendedorismo fora desses contextos, isto é, no âmbito da comunidade.

Alguns, por exemplo, definem comunidade como uma entidade étnica, outros como um espaço industrial e, outros ainda, como uma entidade geográfica, cujos limites são, igualmente, definidos e medidos de diferentes formas. Comum à maioria, porém, é a ideia de que o contexto em que os empresários agem influencia seus comportamentos e resultados, ao mesmo tempo em que os próprios empreendedores influenciam as comunidades em que se encontram inseridos.

Há, desse modo, boas razões para acreditar que ambas as linhas de investigação serão enriquecidas por este estudo, considerando a diversidade nos tipos de contexto empresarial e da comunidade, em simultâneo. É difícil imaginar que uma determinada comunidade geraria um tipo de empreendedor específico, embora seja igualmente difícil imaginar que o contexto da comunidade não influencia a distribuição dos tipos de empreendedorismo que surgem dentro de seus limites, mas nenhuma pesquisa corrente oferece *insights* sobre esse provável relacionamento.

Além disso, os tipos de empreendedores que operam em uma determinada comunidade e sua distribuição teriam implicações para o desenvolvimento econômico e o clima social da comunidade. Por exemplo, empreendedores que empreendem negócios de alto risco, que são orientados e focados em crescimento rápido, provavelmente, analisam os

impactos sociais de seus empreendimentos de forma diferente daqueles avessos ao risco e mais interessados na sobrevivência, em longo prazo.

Da mesma forma, provavelmente, registram-se resultados diferentes quando uma comunidade apresenta metade dos empreendedores com um mesmo tipo de experiência *vis-à-vis* outra em que dez por cento é de um tipo e noventa por cento de outro. Como outro exemplo de inversão de causalidade pode-se vislumbrar diferentes resultados e impactos de empreendimentos em uma cidade de fronteira, de uma região de mineração de ouro, relativamente distante de grandes centros urbanos que, intuitivamente, atrai ou gera empreendedores menos avessos ao risco *vis-à-vis* a uma comunidade rural, anexa a uma região densamente povoada, industrializada e urbanizada. Apesar da plausibilidade e relevância conceitual de tais dinâmicas, não se constata pesquisas que abordam, explicitamente, tais problemáticas. Essa carência será multiplicada, no caso de tais estudos em economias emergentes, em que as pesquisas tradicionais - ou mesmo de ponta - ainda se revelam escassas.

A maioria desses estudos é de origem norte-americana e, ocasionalmente, europeia, pouco se sabe sobre distinções entre empreendedores brasileiros e de demais países, senão os de origem nórdica. Uma exceção é o estudo realizado por Mallman, Borba e Ruppenthal (2005), sobre tipos psicológicos encontrados em incubadora de empresas, em Santa Maria (RS). Desse modo, sabe-se ainda muito pouco sobre a atuação *in loco* de empreendedores, no Brasil, e quase nada sobre sua atuação, em particular, em *contextos econômicos de vanguarda*.

Delineados os principais marcos teóricos que permitiram articular e refletir sobre os dados empíricos obtidos, em especial, considerando as possibilidades derivadas da perspectiva de P. Bourdieu, tanto em termos de maior compreensão dos processos de reconversão de funções econômicas de cidades, quanto a novas fronteiras aos estudos sobre o empreendedorismo no contexto social, detalham-se, no item, a seguir, os aspectos metodológicos das pesquisas que subsidiaram os resultados deste estudo.

### 3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Considerando os propósitos deste estudo, optou-se pela realização de pesquisas de natureza qualitativa, com o uso do método de estudo de casos múltiplos. Tal metodologia consiste na análise exaustiva de um ou de poucos objetos empíricos, sejam eles situações, pessoas ou organizações, sendo indicado quando o fenômeno em estudo é complexo e insere-

se num contexto real, como é o caso desta proposta. Com base nos estudos de caso levados a cabo, foi possível obter uma análise profunda e sistêmica do fenômeno pesquisado (GREENWOOD, 1973; YIN, 2005).

A seleção dos casos constitui decisão importante na medida em que pode impactar a relevância dos resultados do estudo. Com base nessa premissa, optou-se pela realização da pesquisa em duas cidades que vivenciaram processos de reconversão de função econômica: Tiradentes (MG) e Paraty (RJ). O estudo nesses dois casos permitiu uma comparação dos resultados encontrados em cada local e entre eles (EISENHARDT, 1989; YIN, 2005).

Com relação aos instrumentos de coleta de dados, foram utilizadas entrevistas, documentos secundários e a observação direta, possibilitando o confronto das informações obtidas com base em cada fonte, conferindo maior confiabilidade aos resultados da pesquisa (GREENWOOD, 1973).

Vale salientar que para a coleta dos dados empíricos, a pesquisa orientou-se pelos pressupostos da metodologia *Grounded Theory* (GLASER, 1992, 1978; GLASER e STRAUSS, 1967). Isso significa que se optou por não impor, *a priori*, variáveis disponíveis na literatura, devido à escassez de pesquisas relacionadas a empreendedores em dinâmicas como as vivenciadas por Paraty e Tiradentes.

De modo geral, o método de *Grounded Theory* permite que o processo de coleta de dados se inicie de forma mais aberta e flexível, possibilitando um processo dinâmico e constante de conversação entre os dados empíricos e a teoria, até que o pesquisador identifique um conjunto de categorias centrais e representativas dos fenômenos estudados. A *Grounded Theory* difere dos métodos tradicionais usados em pesquisa qualitativa, pois estes partem de modelos teóricos e variáveis definidas *a priori*, ou seja, identificadas necessariamente antes da coleta de dados, diferentemente da *Grounded Theory* que encontra as categorias centrais a partir da análise de dados empíricos (STRAUSS e CORBIN, 1998; GLASER, 1992, 1978).

Nessa direção, a codificação representa uma etapa central da *Grounded Theory*. Ela consiste na leitura e releitura constantes dos dados empíricos obtidos, para, então, identificar variáveis, categorias ou conceitos relevantes ou consistentes com o objetivo e objeto do estudo (GLASER e STRAUSS, 1967).

Tendo por base tais características, o primeiro passo da pesquisa consistiu na coleta e sistematização de dados históricos das cidades de Tiradentes e de Paraty. Em seguida, no caso Tiradentes, foram realizadas nove visitas *in loco*.. Além de observação direta, foi realizado um

total de 40 entrevistas com empresários e empreendedores locais - proprietários de pousadas, restaurantes, oficinas, ateliês - representantes de entidades da sociedade civil - associações de classe, representantes de fundações - líderes comunitários e governamentais da cidade. Nessa mesma linha, foi realizada a coleta de dados em Paraty. Nesse caso, foram conduzidas duas visitas à cidade e 23 entrevistas com diferentes atores sociais locais.

No que tange à análise dos dados, utilizou-se, em ambos os casos investigados, o método de análise de conteúdo. Essa metodologia consiste no uso de técnicas de sistematização e interpretação do conteúdo das informações, a fim de compreender melhor o discurso e extrair detalhes mais importantes. Com isso, foi possível examinar várias dimensões dos relatos dos entrevistados e construir inferências com base neles (GODOY, 1995; BAUER e GASKELL, 2002). Para tal, fez-se uso de *software* de tratamento qualitativo de dados N-vivo 8.0 (MILES e HUBERMAN, 1994).

Diante do exposto, vale salientar que, enquanto a *Grounded Theory* foi fundamental na pesquisa para identificar as variáveis centrais do estudo, o método de análise de conteúdo foi importante na sistematização, interpretação e análise do conteúdo das entrevistas (GLASER e STRAUSS, 1967).

Por fim, ressalta-se que a análise dos dados foi procedida em duas fases. Inicialmente, foram analisados os dados obtidos em Tiradentes (análise intracaso). Na sequência, avaliaram-se as evidências encontradas em Paraty. Posteriormente, foi conduzido exame comparativo entre os casos (análise cruzada), um dos objetivos do estudo. Como resultado, foi possível revelar padrões entre os casos, confirmando a relevância de certos elementos, assim como de diferenças na forma como o fenômeno se apresenta em cada caso (YIN, 2005).

## 4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

### 4.1 Os casos estudados: dinâmicas de reconversão de funções econômicas investigadas

A análise dos processos de reconversão de funções econômicas de Tiradentes e Paraty revelam similaridades: o descobrimento e a urbanização de ambas as localidades apresentam-se diretamente vinculados à atividade extrativa do ouro, em Minas Gerais; o esgotamento do ouro gerou prejuízos para o desenvolvimento das duas cidades; seus patrimônios arquitetônicos preservados permitiram que as cidades fossem, mais tarde, valorizadas pela arte e pela presença de forte turismo cultural.

No caso de Tiradentes, os principais acontecimentos que impulsionaram os processos de reconversão de funções da cidade foram: 1. expansão e declínio da economia aurífera (século XVII até século XX); 2. redescoberta de Tiradentes pelo Movimento Modernista Brasileiro (1920 até fins de 1960); 3. revitalização de seu centro histórico (1960 ao início de 1990); 4. E o estágio atual fundamentado na indústria do turismo (FROTA, 2005).

O primeiro estágio de Tiradentes pode ser caracterizado pela extração exaustiva de metais preciosos pelos portugueses no interior do Brasil, contribuindo para o desenvolvimento das regiões no entorno como suporte a tal atividade. Um dos inúmeros vilarejos constituídos nessa época foi a Vila de São José (1718) que, anos mais tarde, seria renomeada Tiradentes. Durante esse ciclo, a cidade se desenvolveu consideravelmente (FROTA, 2005).

Após extração exaustiva do ouro, as regiões no entorno começam a sofrer com o esgotamento das minas. Com isso, em meados do século XIX, Tiradentes vivencia intenso processo de abandono. Paradoxalmente, tal situação contribuiu para a preservação de seu patrimônio histórico, chamando a atenção, no século XX, de intelectuais do Movimento Modernista Brasileiro (Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral e Blaise Cendrars dentre outros artistas e intelectuais) (FROTA, 2005).

Em 1936, é criado o Serviço do Patrimônio Histórico Nacional (SPHAN), tendo como diretor Rodrigo Mello de Franco de Andrade. A atuação do SPHAN volta-se amplamente para o patrimônio artístico do período colonial barroco, não só desconhecido, como ameaçado de desaparecimento (FROTA, 2005).

Nesse contexto, pôde-se atribuir a esses atores do Movimento Modernista Brasileiro o início e o desenvolvimento do processo de reconversão de Tiradentes fundamentado na revitalização de seu patrimônio histórico-cultural. Tal fato indica que as transformações socioeconômicas de cidades não dependem somente da atuação de lideranças governamentais.

Incentivada por esse movimento, a cidade inicia, a partir dos anos 1940, processo de revitalização de seu centro histórico, o qual se intensifica na década de 1960. Além disso, a modernização das estradas e ferrovia possibilitou melhor comunicação de Tiradentes com outras cidades de Minas Gerais. Uma ação governamental importante, nessa época, foi a do governador de Minas Gerais, Israel Pinheiro, que deliberou pela construção de um trecho de estrada ligando Tiradentes a São João Del Rei, inaugurada em 1968 (FROTA, 2005).

Tais iniciativas foram fundamentais para a emergência de nova dinâmica de reconversão econômica de Tiradentes baseada no turismo cultural. Por meio da prestação de

serviços de alimentação, hospedagem e comércio de bens artesanais, o turismo se configura como a principal fonte de renda de Tiradentes. Embora tenha gerado aumento do número de empregos e da renda da população local, a atividade turística também trouxe impactos negativos, como o aumento da criminalidade, do uso de drogas e da prostituição e o enfraquecimento das tradições culturais locais. Além disso, vale ressaltar que, em decorrência desse processo, pode-se identificar a alteração significativa no perfil dos negócios locais (FROTA, 2005).

Assim como Tiradentes, a primeira dinâmica de reconversão de funções econômicas de Paraty esteve vinculada à atividade aurífera. Não obstante, o processo histórico de Paraty pode ser assim delimitado: 1. urbanização de Paraty: rota de acesso ao ouro nas Minas (até o século XVIII); 2. esquecimento de Paraty (entre o século XVIII até o século XX); 3. ressurgimento e início do ciclo do turismo cultural: abertura da estrada Rio-Santos (a partir do século XX).

Em 1906, a baía da Ilha Grande, onde se localizava Paraty, tornou-se o principal caminho de acesso ao ouro das Minas Gerais. Como resultado, a cidade tornou-se importante entreposto comercial, de onde entrava e saía grande parte das mercadorias do País. O desenvolvimento de Paraty deveu-se, portanto, à sua posição estratégica e a seu porto marítimo, que chegou a ser o segundo mais importante do Brasil (MELLO, 1994).

A atividade extrativa do ouro foi responsável por quase dois séculos de desenvolvimento em Paraty. Os casarões foram construídos com excelentes técnicas arquitetônicas, igrejas foram sendo estabelecidas e novas ruas foram abertas e calçadas com pedras irregulares, característica do atual centro histórico. Além disso, o comércio tornou-se cada vez mais intenso, houve um incremento no cultivo de cana-de-açúcar e na produção de aguardente seguido da produção cafeeira. Em 1844, Paraty foi elevada à categoria de Cidade (JORNAL DE PARATY, 2011; MELLO, 1994).

Entretanto, após décadas de progresso, Paraty entrou num período de declínio, resultado, em particular, da abertura, em 1870, de caminho ferroviário entre Rio e São Paulo, gerando redução do movimento no porto da cidade. Esse período de esquecimento perdurou até metade do século XX, ficando Paraty abandonada e acessível somente por mar.

Paraty veio a ser redescoberta a partir de 1976, com a abertura da Rodovia Rio-Santos que colocou a região no eixo rodoviário Rio-São Paulo e se constituiu no principal fator que impulsionou novo processo de reconversão da cidade, baseado no turismo cultural. Essa

iniciativa foi capitaneada, especialmente, por lideranças governamentais. Com isso, Paraty tornou-se amplamente acessível, impulsionando a vocação turística da região (MELLO, 1994).

Com o aumento do fluxo turístico em Paraty, surgem novas formas de penetração de capital, de bens e serviços antes inexistentes, passando a estimular o desenvolvimento socioeconômico da região. Os caiçaras que anteriormente habitavam o Centro Histórico de Paraty não resistiram ao elevado preço oferecido para a aquisição de seus imóveis e venderam as suas casas, sendo obrigados a migrarem para bairros periféricos. Assim, a parte histórica foi totalmente tomada por lojas, restaurantes e pousadas (IAHP, 2011).

Desde então, o turismo é a principal atividade que movimenta a dinâmica econômica de Paraty e mobiliza boa parte da comunidade (TCE-RJ, 2009).

#### 4.2 Diferentes tipos de empreendedores em Tiradentes e Paraty

As dinâmicas de reconversão de funções econômicas nas duas cidades investigadas foram marcadas por tensões entre atores/instituições com diferentes interesses, os quais influenciaram o processo de desenvolvimento de ambas as localidades (BOURDIEU, 2010; 2009a; 2009b). Dentre eles, merecem destaques as dicotomias: centro histórico *versus* periferia e nativos *versus* forasteiros.

Em relação à primeira, vale salientar que tal fenômeno se intensificou, tanto em Tiradentes, quanto em Paraty, como resultado do crescimento do turismo, que deslocou a população nativa, que morava nos centros históricos, para a periferia, em decorrência das elevadas ofertas do mercado imobiliário. Nota-se, nesse processo, a atuação de empresários dotados de capitais econômicos que adquiriram casas na região central das cidades e induziram o deslocamento da população local (BOURDIEU, 1990).

Como consequência, os centros históricos de Tiradentes e Paraty passaram a se diferenciar dos outros bairros, concentrando a maior parte dos estabelecimentos comerciais, voltados para atender os turistas, sendo palco de disputas voltadas à obtenção de ganhos políticos e financeiros.

No que tange ao par antitético nativos *versus* forasteiros, somente em Tiradentes foram evidenciados conflitos explícitos. Nessa cidade, as diferenças de *habitus* entre o público local e as pessoas de outros estados - que vieram com o crescimento do turismo - acabaram por gerar choques culturais entre as partes, tornando a cidade um campo caracterizado por conflitos e disputas pela posse de capitais legitimados (BOURDIEU, 1990, 2010). Tal situação é

descrita como desafio para os empreendedores *de fora*, em particular, por dependerem - pelo menos, de forma mais intensa, no início do processo - de mão de obra local.

Por outro lado, não se observou, em Paraty, *preconceito* da população nativa em relação àqueles que foram morar na cidade atraídos pelo *boom* do turismo. Embora os grupos fossem caracterizados por *habitus* distintos, a comunidade local "entendeu que as pessoas 'de fora' trazem experiências importantes para a cidade ou desenvolvem negócios que visam torná-la economicamente mais atrativa", conforme relata um dos entrevistados, em Paraty.

Por meio das noções de *habitus*, campo e capital, ficou evidente que os processos de reconversão de funções econômicas nas duas cidades investigadas influenciaram amplamente a forma de atuação dos atores locais, em particular, os componentes do campo enfatizado neste estudo: os empreendedores. Não obstante revelarem-se agentes centrais nas dinâmicas investigadas, os mesmos, em ambos os casos, estão longe de se configurarem como um campo homogêneo. Ao contrário, foi possível identificar, nas duas localidades, a presença de diferentes *tipos* de empreendedores caracterizados por diferentes *habitus*.

A partir do primeiro levantamento empírico de dados, em Tiradentes, foi possível identificar, a partir de diferentes capitais econômicos, simbólicos e culturais mobilizados, três *tipos* de empreendedores indutivamente nomeados: *tradicionais*, *modernos* e *pós-modernos*.

Os *empreendedores tradicionais* dispõem, como principal capital, da *tradição*, porém distinguem-se na forma como manifestam tal noção compondo duas subcategorias: os *empreendedores remanescentes* e os *empreendedores pioneiros*. Os *empreendedores remanescentes* valorizam mais o *nome de família* (o que Pierre Bourdieu denomina capital cultural em seu estado incorporado), enquanto os *empreendedores pioneiros* dão mais ênfase ao que denominam *linhagem cultural*.

Os *empreendedores remanescentes* são, geralmente, pequenos comerciantes e empreendedores individuais - marceneiros, açougueiros, quitandeiros - nascidos na região, na qual suas famílias já moravam ou tinham negócios antes do crescimento do turismo. Assim, boa parte mantém forte ligação com a cidade, mas se apresentam pouco representativos em termos econômicos. Além disso, o baixo nível de escolaridade desses empreendedores dificulta uma concorrência mais equilibrada com empreendimentos *modernos*.

Os *empreendedores pioneiros*, por sua vez, são os desbravadores na criação de empreendimentos direcionados ao turismo cultural, ou seja, adequados a um público que aprecia produtos/serviços artísticos. O principal capital desse grupo é a sua bagagem cultural e vinculação de seus negócios a projetos pessoais.

“Tiradentes não é simplesmente um lugar para se fazer dinheiro. É uma opção de vida. Aqui é muito bom, um lugar muito bom para morar. Não para meramente ganhar dinheiro”. (Relato, Entrevista Tiradentes)

Além disso, os *empreendedores pioneiros* buscam diferenciar-se pelo fato de terem nascido em outros locais ou terem vivenciado experiências em outros países/cidades.

Os *empreendedores modernos* também podem ser divididos em duas categorias (os *empreendedores profissionais* e os *empreendedores negociais*), embora se assemelhem no que se refere à valorização da qualificação formal, convergente com o que Bourdieu (1990) denomina capital cultural em seu estado institucionalizado (títulos acadêmicos).

Os *empreendedores profissionais* são, comumente, ex-gestores de grandes empresas ou profissionais liberais que deixaram as capitais do País para morar em pequenas cidades, em busca de melhor qualidade de vida. Geralmente, são dotados de capitais econômicos consideráveis e, com isso, buscam abrir negócios próprios para manterem determinado padrão de vida. Como atributos dos *empreendedores profissionais*, além da valorização da *formação em nível superior*, merecem destaque os discursos de sustentabilidade e responsabilidade social. Nessa direção, tendem a demonstrar maior preocupação com as questões que afetam toda a cidade ao longo-prazo.

Por outro lado, os *empreendedores negociais* se diferenciam pela busca prioritária pelo lucro e pela adoção da *lógica de gestão de curto prazo*. Assim, mais utilitaristas, tendem a preocupar-se mais com o desempenho de seus negócios do que com as questões socioeconômicas da cidade. Ressalta-se, ainda, que esse perfil de empreendedores valoriza e almeja, sobretudo, o aumento de seu capital econômico.

Finalmente, os *empreendedores pós-modernos* parecem distinguir-se em duas subcategorias: os *empreendedores vanguardistas* e os *empreendedores camaleões*. Os primeiros são donos de ateliers de arte, pintores e demais artistas, que se caracterizam pela (o) *criação, novo, independência, contestação* e por *estilos de vida peculiares*. Tais atributos se assemelham ao que Bourdieu (1990) denomina capital cultural em seu estado objetivo (posse e valorização de bens culturais).

Já os *empreendedores camaleões* são trabalhadores vindos dos grandes centros e cidadãos da cidade que perceberam, no processo de transformação, oportunidades de *fazerem a vida*. Com recursos financeiros escassos, constituem seus negócios na base da improvisação. Assim, ofertam seus produtos/serviços a um público com pouca condição para frequentar ambientes mais refinados. Boa parte está inserida na economia informal e na

irregularidade. Vale salientar que os empreendedores camaleões, buscam, especialmente, o aumento de seu capital econômico, que tende a ser escasso (BOURDIEU, 1990).

O quadro 1 apresenta uma síntese da tipologia de empreendedores identificada em Tiradentes, considerando-se os seus respectivos *habitus* e os diferentes capitais econômicos, simbólicos e culturais mobilizados pelos atores envolvidos no campo dos empreendedores.

Quadro 1 - Tipologia de empreendedores, segundo capitais mobilizados

CATEGORIA	SUBCATEGORIAS	HABITUS E CAPITAIS MOBILIZADOS
Empreendedores tradicionais	Empreendedores remanescentes	Simplicidade, confiança, sabedoria, conhecimento tácito, naturalidade, emoção, recato, família, conservadorismo
	Empreendedores pioneiros	Erudição, cultura, requinte, sofisticação, nobreza, refinamento, bom gosto, estilo, beleza, distinção, elaboração, respeito, justiça, bravura, coragem, dignidade, postura, atitude, elegância, charme, etiqueta, classe, discricção, essência, prestígio, reputação
Empreendedores modernos	Empreendedores negociais	Entretenimento, curto-prazo, lucro imediato, <i>marketing</i> , agressividade, competitividade, resultado financeiro, crescimento, expansão, diversificação, negócios
	Empreendedores profissionais	Qualificação, profissionalismo, gestão, cientificidade, qualidade, certificação, competência, modernidade, responsabilidade social, preservação ambiental, ecologia, cidadania empresarial, desenvolvimento sustentável, politicamente correto
Empreendedores pós-modernos	Empreendedores <i>camaleões</i>	Improvisação, imitação, informalidade, cópia, <i>jeitinho brasileiro</i> , senso de oportunidade, aventura, risco, flexibilidade, adaptabilidade
	Empreendedores vanguardistas	Arte, criação, novo, originalidade, subjetividade, sensibilidade, independência, vanguarda, intelectualidade, autonomia, liberdade, polêmica, visão crítica, transgressão, desconstrução, provocação, contestação, sensibilidade, desprendimento

Fonte - Dados da pesquisa.

Considerando os achados posteriormente obtidos, em Paraty, vale observar que, em relação à categoria *empreendedores tradicionais* (*empreendedores remanescentes* e *empreendedores pioneiros*), foi possível observar a presença das mesmas subcategorias identificadas, previamente, em Tiradentes. Os *empreendedores remanescentes* compreendem, também em Paraty, pequenos comerciantes, em geral, nascidos na cidade, os quais já mantinham negócios antes da expansão do turismo. Comumente, produzem discursos que enfatizam a valorização do *nome de família* e são caracterizados como *tímidos* e *conservadores*. Igualmente, apresentam modos de vida simples e ostentam, com orgulho, o fato de serem *paratienses*. Embora revelem forte ligação com a cidade, têm atuações pouco expressivas em relação às questões coletivas e em relação à necessidade de expansão

econômica de seus negócios. Em função disso, são comumente rótulos como *tradicionalistas e sem ambição*.

“Agora, as pessoas que são daqui, o cara não está nem aí, você passa na rua e vê a pessoa sentada na rua batendo papo. Por isso que eu acho que ainda precisa de avanço, tem que existir uma qualificação em Tiradentes”. (Relato, Entrevista Tiradentes)

“Tem empreendedores que nasceram aqui e vivem isso. Para eles, se a gente falar de cultura, eles vão se assustar, na verdade, eles vivem aquilo sem saber que aquilo é cultura”. (Relato, Entrevista Paraty)

Assim como no caso dos *empreendedores remanescentes*, os dados revelam também, em Paraty, a presença de *empreendedores pioneiros*. Como em Tiradentes, implementaram negócios que visam distinguir-se a partir do background cultural de seus proprietários, que veem seus empreendimentos mais como projetos de autorrealização que como *negócios para fazer dinheiro*.

“A cidade (Paraty) pareceu um pouso perfeito pra criar filhos pequenos. Eu morava no RJ, estava querendo sair de lá. O RJ é uma cidade complicada pra criar filhos, a gente queria um lugar menor. E Paraty sinalizava como um lugar tranquilo onde a gente podia continuar fazendo o nosso trabalho”. (Relato, Entrevista Paraty)

No âmbito dos *empreendedores modernos*, as entrevistas demonstram, em Paraty, uma vez mais, a presença de *empreendedores profissionais*. São, igualmente, pessoas comumente não nascidas na cidade, com instrução formal (curso superior) e que utilizam práticas gerenciais na gestão de seus negócios. Muitos deles deixaram, assim como em Tiradentes, as grandes capitais e foram morar em Paraty em busca de melhor qualidade de vida. Nos relatos ressaltam serem *apaixonados* pela cidade e pelo estilo de vida oferecido pelo local.

Tanto em Tiradentes, como em Paraty, os *empreendedores profissionais* apresentam discursos que revelam preocupação com os aspectos coletivos da cidade e com os impactos negativos do turismo. Assim, tendem a estimular articulações entre os indivíduos em prol de ações para o desenvolvimento local.

“Eu acho que a Tiradentes tem um grande problema. Se o poder local não acordar para essa questão da sustentabilidade, a gente corre o risco de entrar numa... Por exemplo, tem uma luta aqui para uma licitação de tratamento de lixo”. (Relato, Entrevista Tiradentes)

“Nós viemos para fazer negócio, ter qualidade de vida e valorizar mais ainda aquilo que já existia na cidade. Todos esses eventos que foram trazidos têm uma contribuição nossa”. (Relato, Entrevista Paraty)

Já os *empreendedores negociais* foram mais evidentes em Tiradentes que em Paraty. Em Tiradentes, tais empreendedores se expandiram com o crescimento da indústria do turismo e estão localizados fora do centro histórico da cidade. Em Paraty, a maior parte dos entrevistados sugere que não existem negócios com perfil *utilitarista* na região, na medida em que seus empreendedores mantêm forte ligação afetiva com a cidade, e suas intenções, ao instalarem-se ali, extrapolaram a busca do lucro do negócio como fim último.

Finalmente, além dos tradicionais e modernos, uma última categoria de empreendedores identificada em Tiradentes pode também ser identificada em Paraty: os *empreendedores pós-modernos*, tanto na versão *empreendedores vanguardistas*, quanto *camaleões*. A presença de *empreendedores camaleões* é bastante evidente. É muito comum que esses empreendedores aproveitem a temporada de eventos em Paraty para abrirem *novos negócios*, de forma temporária e informal.

“Teve um carnaval em que diversos moradores saíram de suas casas e as alugaram: foi um caos, faltou água, a cidade ficou lotada e de um público que, infelizmente, ainda não é o que tem consciência do que constitui um patrimônio histórico. Vocês não imaginam os impactos.” (Relato, Entrevista Tiradentes)

Os *empreendedores vanguardistas* também têm presença marcante em Paraty. Isso por também ser uma cidade com clara vocação para um turismo artístico-cultural. Portanto, é muito comum de se ver inúmeros ateliers de arte, lojas de artigos culturais e antiquários em seu centro histórico. Relatos revelam que os *empreendedores vanguardistas* encontraram em Tiradentes e em Paraty locais adequados para divulgação de suas artes.

“A partir de 1940, há a presença de artistas plásticos em Paraty, desenhando, pintando Paraty. E, na década de 1990, há uma imensidão de artistas plásticos das mais variadas atividades, como ceramistas, escultores, pintores. Paraty tem um mercado de arte muito interessante em função do turismo cultural.” (Relato, Entrevista Paraty)

Nas duas localidades, constata-se preocupações dos *empreendedores vanguardistas* em relação ao *turismo de massa* que têm frequentado suas cidades nos últimos anos. Entretanto, comumente, não se associam para lutar por esses interesses.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do conjunto dos dados obtidos, cabe salientar que as convergências encontradas entre os casos estudados reforçam a tipologia de empreendedores inicialmente identificada em Tiradentes. Assim como em Tiradentes, constatou-se, em Paraty, a presença de *tipos* de empreendedores indutivamente descritos como *tradicionais* (*remanescentes* e *pioneiros*); *modernos* (*profissionais* e *negociais*) e *pós-modernos* (*camaleões* e *vanguardistas*), conforme os tipos de capitais econômicos, simbólicos e culturais mobilizados. Igualmente, essas categorias e subcategorias de atores se articulam, vivenciam conflitos e constituem alianças visando ampliar seus espaços e conquistar o domínio sobre o campo a que se vinculam, resultados que propiciam importantes contribuições empíricas quanto às possibilidades de aplicação dos estudos de Bourdieu (2010; 2009a) em pesquisas em empreendedorismo social.

Outro resultado comum é que, em ambas as cidades, os empreendedores assumiram papéis protagônicos nas dinâmicas de reconversão de funções econômicas estudadas, ambas direcionadas pelo turismo e pela indústria criativa. Evidentemente, o poder público, as associações e a própria população de Tiradentes e de Paraty também influenciam tais dinâmicas, porém, de formas menos decisivas.

As similaridades constatadas entre os casos podem ser explicadas pelas semelhanças dos processos de transformação investigados. As duas cidades se desenvolveram a partir da economia aurífera, foram abandonadas após o declínio do ciclo do ouro, recuperaram-se pela preservação e revitalização de seus patrimônios artístico-culturais e tiveram novo impulso econômico por meio do turismo.

Em relação às diferenças entre os casos, vale salientar a desconsideração quanto à presença significativa, em Paraty, de *empreendedores negociais*, os quais se fazem presentes, em grande número, em Tiradentes. Igualmente, tensões entre nativos *versus* forasteiros não foram observadas, em mesmo nível, em Paraty, comparativamente ao observado em Tiradentes.

Quanto às contribuições da pesquisa, ressalta-se que a mesma foi importante ao ampliar os estudos sobre processos de reconversão de funções econômicas de cidades, no Brasil. Além disso, pôde contribuir para reforçar o modelo de tipologias identificada, inicialmente, em Tiradentes. Os resultados deixam claro que os empreendedores têm variações entre si - em termos de papéis desempenhados, atributos pessoais e modelos de gestão - e convivem em constante inter-relação, conflito e alianças no seio dos processos de

transformações das cidades. São achados relevantes, visto que a literatura clássica sobre empreendedorismo ainda não está atenta à dinâmica de coexistência e tensão entre tipos de empreendedores distintos. E, uma vez mais, se evidencia a relevância da perspectiva teórica de Pierre Bourdieu a tais estudos.

Outro importante resultado deste estudo é que os sujeitos personificados nos diferentes *tipos* de empreendedores identificados não surgem, nem atuam em um vácuo social, nem são independentes uns dos outros, especialmente em contextos em que compartilham do mesmo patrimônio histórico ou cultural. Eles fazem parte de um espaço social repleto de competição, colaboração, assim como sinergias intencionais e inconscientes.

Ao mesmo tempo em que cada *tipo* de empreendedor identificado tem seu papel, *habitus*, seus objetivos e produz seus impactos, os mesmos coexistem em um estado de tensão dinâmica. Por exemplo, eventuais alianças, por exemplo, entre *empreendedores camaleões* e *negociais* poderiam *baratear* as cidades investigadas, destruindo seus posicionamentos como destinos turísticos qualificados. Ambos os grupos atribuem grande valorização ao capital econômico, negligenciando, por vezes, a preservação das cidades (BOURDIEU, 2010, 1990).

As dinâmicas observadas em Tiradentes e Paraty são, igualmente, bastante diferentes dos dois extremos que caracterizam o pensamento tradicional sobre o empreendedorismo. De um lado, a visão dos empreendedores como elementos quase míticos, ao contrário dos demais indivíduos que, por seu gênio e competências singulares, estariam aptos a identificar e aproveitar oportunidades e criar novas riquezas que outros não conseguiriam vislumbar. De outro lado, a ideia que as macroforças tecnológicas e econômicas criariam oportunidades para novos empreendimentos, os quais são idealizados ao acaso por pessoas que, não por virtudes particulares, acontecem de estarem no lugar certo, na hora certa. Sem dúvida, os acidentes da história e geografia forjaram, em Tiradentes e Paraty, configurações de recursos físicos de certa forma única.

Aprender que diferentes empreendedores estão inseridos em contextos sociais, nos quais seus atores têm papéis diferenciados e conflituosos não é a única contribuição deste estudo. Evidencia-se, também, que o empreendedor depende de seu entorno de forma ainda não explicitada pela literatura. Não é sem importância que, por exemplo, a existência de um *centro histórico* valoriza e facilita os dons e inclinações dos *empreendedores vanguardistas* e *pioneiros*, de forma mais relevante que em outros contextos, visto que tais empreendedores

conferem elevada importância ao capital cultural em seu estado objetivo (bens artístico-culturais, obras de arte).

Ademais, os achados e resultados sugerem que, embora os tipos de empreendedores encontrados na literatura internacional possam ser reconhecidos em Tiradentes e Paraty, as trajetórias e origens sociais das pessoas que representam tais tipos podem ser bastante diferentes. Isso indica que, mesmo que os tipos de empreendedor acabem tendo um perfil universal típico, o caminho que ele percorre para ocupar determinado papel de empreendedor em seu campo pode variar de forma significativa em função do contexto.

Em termos práticos, o estudo justifica-se ao contribuir com subsídios para o desenvolvimento de medidas direcionadas a processos de reconversão de funções econômicas de cidades, em particular, a políticas públicas. Por fim, os resultados desta pesquisa podem gerar *insights* importantes a ações direcionadas a qualificação de empreendedores, especialmente considerando não ser esse campo *monolítico*. Ao contrário, trata-se de atores que guardam entre si especificidades, articulando diferentes capitais como mecanismo de diferenciação e vantagem competitiva.

Quanto às suas limitações, há que se destacar que as escolhas de recorte de uma pesquisa, ao mesmo tempo que fundamentais para se delimitar um problema e permitir foco na investigação, impõem restrições, cuja superação representa oportunidades de desdobramentos da pesquisa. Nesse sentido, na abordagem adotada neste estudo, duas escolhas importantes correspondem, igualmente, a duas consideráveis limitações. A primeira, diz respeito à opção, junto à pesquisa conduzida em Tiradentes, de metodologia menos ortodoxa (*Grounded Theory*). A segunda, se refere à realização da parte empírica do estudo considerando casos unicamente centrados em processos de reconversão de funções econômicas de cidades orientados pelo turismo e pela indústria criativa que, ainda que emblemáticos em ambas as localidades, seria interessante descrevê-los e compará-los junto a outros tipos de dinâmica. Assim sendo, sugere-se que, oportunamente, este estudo seja replicado considerando outras cidades, sobretudo, aquelas que vivenciaram processos de reconversão de funções econômicas distintos das investigadas nas localidades alvo deste estudo. Assim, será possível corroborar - ou redefinir - os grupamentos de empreendedores que, com auxílio da abordagem de Pierre Bourdieu, indutivamente, foi possível identificar.

## REFERÊNCIAS

BALASTRERI, A. Turismo e territorialidades plurais– lógicas excludentes ou solidariedade organizacional. En: *CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, San Pablo. Diciembre 2006.*

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático.** 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2002, 516 p.

BENTLEY, Gill. Fitting the Piece in the Jigsaw Puzzle? The Governance of Local Economic Development Policy and Regeneration in Birmingham. **Local Economy.** Vol. 20, No. 2, 238–243, May 2005.

BOURDIEU, P. **Coisas ditas.** São Paulo: Brasiliense, 1990.

BOURDIEU, Pierre; ORTIZ, Renato. **Pierre Bourdieu: sociologia.** 2. ed. São Paulo: Atica, 191p. 1994.

BOURDIEU, P. **Razões práticas: sobre a teoria da ação.** Campinas: Papirus, 1996.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas.** São Paulo: Perspectiva, 2009a.

BOURDIEU, P. **O senso prático.** Petrópolis: Vozes, 2009b.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BORBA, J.; CASTELLS, M.; **La ciudad multicultural.** La Factoria, n.2. [s.l.] 1997.

EISENHARDT, Kathleen M. Building Theories from Case Study Research. Stanford University. **Academy of Management Review.** Stanford, n. 4, v. 14, 1989.

COOPER, A.; RAMACHANDRAN, M.; SCHOORMAN, D. Time allocation patterns of craftsmen and administrative entrepreneurs: Implications for financial performance. **Entrepreneurship: Theory & Practice,** Vol. 22(2): 123-136, 1997.

FILLEY, A.; ALDAG, D. Characteristics and measurement of an organizational typology. **Academy of Management Journal,** Vol. 21(4): 578-591, 1978.

FISCHER, T. Gestão contemporânea, cidades estratégicas: aprendendo com fragmentos e reconfigurações do local. In: FISCHER, T. (Org.). **Gestão contemporânea: cidades estratégicas e organizações locais**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

FROTA, L. C. **Tiradentes : retrato de uma cidade = Tiradentes : portrait of a town**. 2.ed. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 155p. 2005.

GLASER, B. **Basics of grounded theory analysis: Emergence vs. forcing**. Sociology Press: Mill Valley, CA, 1992.

GLASER, B. **Sensitivity: Advances in the methodology of grounded theory**. Sociology Press: Mill Valley, CA, 1978.

GLASER, B. G.; STRAUSS, A. L. **The discovery of grounded theory**. London: Weidenfeld and Nicolson. 1967. 281 p.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução a pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, SP, v.35, n.2 , p.57-63, mar./abr. 1995.

GREENWOOD, Ernest. **Metodos principales de investigacion Social empirica**. In: Metodologia de la investigacion social. Buenos Aires, cap. 6, p. 106-126, 1973.

HANNAN, M.; FREEMAN, J.. Structural inertia and organizational change. *American Sociological Review*, v. 49(2):149-164, 1984

HALL, Peter Geoffrey. **Cidades do amanhã: uma historia intelectual do planejamento e do projeto urbanos do seculo XX**. São Paulo: Perspectiva, v.1. 1995.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 6a ed., 1996.

INSTITUTO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE PARATY (IAHP). **A importância da história de Paraty**. Disponível em: <<http://www.uff.br/patrimoniosdeparaty/fjustificativa.htm>>. Acesso em: junho, 2011.

JORNAL DE PARATY. **História da Cidade de Paraty**. Disponível em: <<http://www.jornaldeparaty.com.br/component/content/article/45-paraty/50-historia-da-cidade-de-paraty.html>>. Acesso em: junho, 2011.

LEVI -STRAUSS, C. **The savage mind**. The University of Chicago Press: Chicago, 1966.

LEE, C. M.; MILLER, W.; HANCOCK, M.; ROWAN, H. (Eds). **The Silicon Valley edge: A habitat for innovation and entrepreneurship**. Stanford University Press, Stanford, CA, 2000.

LUCHIARI, M. T. D. P. "A reinvenção do patrimônio arquitetônico no consumo das cidades" In: **GEOUSP – Espaço e Tempo**, N. 17, São Paulo, S.P.2005.

MALLMANN, T. D. M.; BORBA, B. W.; RUPPENTHAL, J. E. Avaliação da tipologia dos empreendedores residentes da incubadora tecnológica de Santa Maria utilizando o teste "Kersey Temperament Sorter". In: ENEGEP. **Anais do XXV ENEGEP**. Porto Alegre, 2005.

MELLO, Diuner José. **Paraty Notas Históricas**. Instituto Histórico e Artístico de Paraty. 1994.

MILES, M.; HUBERMAN, A. **Qualitative data analysis. An expanded sourcebook**, 2d ed. Sage Publications: Thousand Oaks, CA, 1994.

MISOCZKY, M. C. A. Implicações do Uso das Formulações sobre Campo de Poder e Ação de Bourdieu nos Estudos Organizacionais. **RAC**, Edição Especial, p. 09-30, 2003.

SARASVATHY, S.. The questions we ask and the questions we care about: Reformulating some problems in entrepreneurship research. **Journal of Business Venturing**, v. 19, 2004.

SMITH, A. **The entrepreneur and his firm: The relationship between type of man and type of company**. Michigan State University: East Lansing, MI, 1967.

STINCHFIELD, B. T., NELSON, R. E.; WOOD, M. Entrepreneurial opportunities: Bricolage, Art, Craft, engineering and Brokerage. **Proceedings of the Babson Entrepreneurship Research Conference**, Lausanne, Swiss, 2010.

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. **Revista de Administração Pública**. Rio de Janeiro 40 (1): p. 27-55, Jan./Fev. 2006.

TRIBUNAL DE CONTAS DO ESTADO DO RJ. Estudos socioeconômicos dos municípios do Estado do Rio de Janeiro. **Secretaria Geral de Planejamento**. Rio de Janeiro. 2009.

STRAUSS, A., & CORBIN, J. 1998. **Basics of qualitative research: Techniques and procedures for developing grounded theory** (2<sup>nd</sup> ed.), Sage Publication, Thousand Oaks, CA.

ZAHRA, S., GEDAJOVIC, E., DONALD O. NEUBAUM, D., SHULMAN, J. A typology of social entrepreneurs: motives, search processes and ethical challenges. **Journal of Business**

**Venturing** 24 (5), 519-532, 2009.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 212 p., 2005.

---

### **Anderson de Souza Sant'Anna**

Pós-doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (2007). Doutor em Administração pelo Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração da Universidade Federal de Minas Gerais (2002). Professor do Programa de Pós-graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e da Fundação Dom Cabral. Endereço: Fundação Dom Cabral, Pucminas/FDC. Avenida Princesa Diana, nº 760, Alphaville Lagoa dos Ingleses, CEP: 34000-000 - Belo Horizonte, MG – Brasil. E-mail - anderson@fdc.org.br

### **Fatima Bayma de Oliveira**

Doutora em Educação pela UFRJ. Mestre em Administração Pública pela University of Connecticut (EUA). Professora Titular da FGV nos cursos de Mestrado e Doutorado em Administração da EBAPE/FGV. Endereço: Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas, Praia de Botafogo, 190 – CEP: 22250-900, Rio de Janeiro. E-mail - fatima.oliveira@fgv.br

### **Daniela Martins Diniz**

Mestre em Administração pela PUC Minas (2010), na linha de pesquisa de Estratégia e Inovação. Graduada em Administração, pela PUC Minas. Pesquisadora do Núcleo Vale de Desenvolvimento de Liderança. Endereço: Belo Horizonte, Rua Bernardo Guimarães, nº 3071, Santo Agostinho, CEP: 30140-083, Belo Horizonte/MG – Brasi. E-mail - danidiniz09@yahoo.com.br